

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (BACHARELADO)

MARALINE CARVALHO DA SILVA

**JOGOS E BRINCADEIRAS LÚDICAS COMO MEIO FACILITADOR PARA A
CLÍNICA PSICOTERÁUTICA INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOB A LUZ DA
GESTALT-TERAPIA**

Juazeiro do Norte
2020

MARALINE CARVALHO DA SILVA

**JOGOS E BRINCADEIRAS LÚDICAS COMO MEIO FACILITADOR PARA A
CLÍNICA PSICOTERÁUTICA INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOB A LUZ DA
GESTALT-TERAPIA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Prof.^a Orientadora: Larissa Vasconcelos Rodrigues

Juazeiro do Norte
2020

MARALINE CARVALHO DA SILVA

**JOGOS E BRINCADEIRAS LÚDICAS COMO MEIO FACILITADOR PARA A
CLÍNICA PSICOTERÁUTICA INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOB A LUZ DA
GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues
Orientador(a)

Esp. Fázia Beatriz Torres Amorim
Avaliador(a)

Dr. Marcus César de Borba Belmino
Avaliador(a)

Juazeiro do Norte
2020

JOGOS E BRINCADEIRAS LÚDICAS COMO MEIO FACILITADOR PARA A CLÍNICA PSICOTERÁUTICA INFANTIL: Uma reflexão sob a luz da gestalt-terapia

Maraline Carvalho da Silva¹
Larissa Vasconcelos Rodrigues²

RESUMO

O brincar é inerente ao ser humano e pode ser considerada a atividade principal da criança, representando sua forma de ser e estar no mundo. Para a Gestalt-terapia o brincar visa proporcionar uma maior awareness (tomada de consciência) da criança acerca de si mesma e do mundo, expandindo suas possibilidades de contato. É, também, a forma mais eficiente de comunicar-se com a criança e acessá-la de forma plena. Assim, os objetivos deste trabalho foram compreender o brincar como um processo terapêutico facilitador no trabalho clínico sob a perspectiva da Gestalt-terapia, bem como explicitar a relevância do brincar para o processo de crescimento emocional da criança a partir da Gestalt-terapia; identificar a postura do terapeuta com relação ao uso de jogos e brincadeiras na clínica; investigar as estratégias utilizadas pelo terapeuta na utilização de jogos e brincadeiras como mediadores no diagnóstico da criança. Para isso foi realizada uma pesquisa que se caracteriza como qualitativa e exploratória, visto que busca compreender melhor o fenômeno investigado através de uma análise de conteúdo a partir de seus aspectos mais subjetivos. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica. Os resultados encontrados permite-se concluir que o lúdico é uma maneira de intervenção que contribui para preservar a saúde emocional da criança.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Brincar. Diagnóstico Clínico.

ABSTRACT

Playing is inherent to human beings and can be considered the child's main activity, representing their way of being and being in the world. For Gestalt-therapy, play aims to provide a greater awareness (awareness) of the child about himself and the world, expanding his possibilities of contact. It is also the most efficient way to communicate with the child and access it fully. Thus, the objectives of this work were to understand playing as a therapeutic process in clinical work from the perspective of Gestalt-therapy. As well as explaining the relevance of playing for the child's emotional growth process from Gestalt-therapy; identify the therapist's attitude towards the use of games and games in the clinic; investigate the strategies used by the therapist in the use of games and play as mediators in the child's diagnosis. For this, a research was carried out that is characterized as qualitative and exploratory, since it seeks to better understand the phenomenon investigated through a content analysis from its most subjective aspects. The methodology used was the literature review. The results found allow us to conclude that playfulness is a way of intervention that contributes to preserve the child's emotional health.

Keywords: Gestalt-Therapy. Playing. Clinical Diagnosis.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: maralinecarvalho@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissavasconcelos@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O atendimento clínico com crianças tem utilizado o brincar como ferramenta terapêutica nas mais diversas abordagens, tanto por facilitar de maneira lúdica o contato com a criança quanto por ser o seu principal instrumento de expressão e comunicação. Logo, na experiência clínica com crianças, a espontaneidade e a criatividade são ferramentas indispensáveis e que muitas vezes são fundamentais no rumo do trabalho.

Dentro da Gestalt-terapia (GT), o brincar é visto como a exploração das fronteiras de contato por parte da criança, cujo processo em andamento da formação de um fundo de hábitos possibilita um ciclo de contato muito mais aberto ao novo (AGUIAR, 2014). Visto isto, como é possível compreender o brincar como um processo terapêutico no diagnóstico clínico sob a perspectiva da Gestalt-terapia? Na intenção de encontrar apontamentos para responder esta pergunta, o presente trabalho visa a pesquisa bibliográfica na qual a doutrina vai abordar as brincadeiras lúdicas por meio da Gestalt-terapia. O presente estudo visa também: 1) Identificar a postura do terapeuta com relação ao uso de jogos e brincadeiras na clínica; 2) Analisar as estratégias utilizadas pelo terapeuta na utilização de jogos e brincadeiras como mediadores no diagnóstico da criança; 3) Mapear quais os jogos e brincadeiras são mais utilizados para diagnosticar determinado transtorno; 4) Analisar os recursos terapêuticos utilizados para o atendimento com crianças.

A escolha pelo tema da pesquisa ocorreu devido ao fascínio pelo tema da infância, por ser uma fase encantadora, a criança tem uma forma particular de expressão. Sabe-se que o brincar é inerente ao ser humano e pode ser considerada a atividade principal da criança, representando sua forma de ser e estar no mundo (RODRIGUES; NUNES, 2010).

Diante disso, acredita-se que essa pesquisa possui grande relevância acadêmica, por o tema questionar como esse brincar tem sido utilizado como ferramenta no processo psicoterapêutico no espaço lúdico. Também visa contribuir na formação de novos profissionais da Psicologia, e inspirar futuras pesquisas.

Vale ressaltar ainda a importância social do tema em questão, o qual contribui significativamente para o bem-estar da sociedade, pois os jogos e brincadeiras lúdicas são instrumentos que auxiliam e facilitam a comunicação com a criança e contribui para o diagnóstico clínico. Isso faz com que haja um tratamento eficaz auxiliando, portanto, situações como ansiedade, depressão, tristeza, frustrações, traumas, males que afligem a sociedade e causam na pior das hipóteses o suicídio.

Feita a introdução, tem-se a seguinte problemática: até que ponto os jogos e as brincadeiras lúdicas facilitam o trabalho clínico e como isso ajuda na comunicação com o consulente?

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa e exploratória, visto que busca compreender melhor o fenômeno investigado através de uma análise de conteúdo a partir de seus aspectos mais subjetivos. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, tendo como principal fonte de dados os trabalhos de teóricos especializados na temática pesquisada, tais como Luciana Aguiar, Violet Oaklander, dentre outros.

Também foram utilizados fontes secundárias de pesquisa como trabalhos acadêmicos e artigos científicos nacionais publicados em bancos de dados eletrônicos como Scielo, PePsic, Lilacs e Google Acadêmico, entre os anos de 2015 e 2020. Os trabalhos foram selecionadas a partir de palavras chaves estratégicas como: brincadeiras, diagnóstico clínico, gestalt, jogos lúdicos. Os critérios utilizados para a escolha dos referenciais citados foram, o esclarecimento e o embasamento em torno do problema e atualidade da discussão.

3 A GESTALT-TERAPIA

3.1 A TEORIA DO SELF E OS FUNDAMENTOS DA CLÍNICA GESTÁLTICA

A Gestalt-terapia é uma abordagem teórica que tem como base a fenomenologia e o existencialismo e “concebe o ser humano não como algo abstrato, mas, sim, real, concreto, aqui e agora consciente, capaz de assumir responsabilidades por si mesmo e de se relacionar construtivamente no mundo e com o mundo” (RIBEIRO,1999, p.27). Auxilia o paciente, através do diálogo e do contato com o aqui e agora, a atingir a awareness. Segundo Yontef (1998), a Gestalt-terapia:

[...] é uma terapia existencial-fenomenológica fundada por Frederick (Fritz) e Laura Perls, na década de 1940. Ela ensina terapeutas e pacientes o método fenomenológico de awareness, no qual perceber, sentir e atuar são diferenciados de interpretar e modificar atitudes preexistentes (p. 15).

Mattar (2010) descreve como o homem é visto segundo a abordagem gestáltica: “o homem é considerado em uma perspectiva holística e relacional, e, ao mesmo tempo em que é influenciado pelo meio, age sobre este, modificando-o” (p. 85). Assim, o homem não é

passivo diante do mundo; suas ações modificam o ambiente em que vive ao mesmo tempo em que é modificado por ele. Tudo está em completa interação o tempo todo.

Segundo Kohler, Koffka e Wertheimer (1947, 1935, 1944 apud ZINKER, 2007, p. 111), “quando experienciamos visualmente o ambiente, escolhemos um foco especial de interesse que, para nós, se destaca contra um fundo indistinto. Aquilo que se sobressai é designado como figura; o resto é fundo”.

Alguns conceitos que se destacam na Gestalt Terapia são “a visão do organismo como um todo” e “o aqui e agora”. Perls (1977) considera o homem como um organismo unificado, não existindo a divisão entre mente e corpo, “uma vez que reconhecemos que pensamentos e ação são feitos da mesma matéria, podemos traduzir e transpor de um nível para o outro” (p. 30). Para o autor, “aqui e agora” significam o presente. Os problemas existem no momento atual, sendo a única realidade possível o “aqui e agora” consciente. Fadiman e Frager (1986) ressaltam que “viver com a atenção voltada para o presente, ao invés do passado ou futuro, é, em si, algo bom que leva ao crescimento psicológico” (p.134).

Este processo temporal ao qual o presente ganha destaque na clínica gestáltica, se configura através de três funções básicas do self postuladas por Granzotto e Granzotto (2012) com base nos estudos de Perls, Goodman e Hefferline (1997): A função id – presente no primeiro momento como aquilo que opera no self, o contato inicial e inseparável do meio e do desvio temporal ao qual está ancorada, na função id o self não se separa das vivências internas e externas, sendo uma experiência integrada ao meio que a circunda; A função ego – é a deliberação que se destaca frente as generalidades das quais o self participa, é a função de individuação, o momento pelo qual as trocas energéticas se polarizam na extremidade da relação e emergem na fronteira de contato sob a forma de ação, decisão e deliberação direcionadas a um modo específico de troca energética; A função personalidade – refere-se a uma generalidade na qual o self se sedimenta, desenvolvendo assim uma identidade histórica construída e representada através de deliberações simbólicas ocasionadas na função ego(GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2012).

Estas fragmentações do self enquanto funções co-presentes na totalidade organismo/ambiente se dão por fins didáticos, pois como trouxeram seus próprios criadores, Perls, Hefferline e Goodman (1997) até “[...] a própria ideia de organismo ambiente, é uma abstração ou construção possível, ou uma potencialidade que se dá nessa experiência como indício de outra experiência.” (p. 41). Logo, a proposta de investigação da experiência humana a partir desta noção de campo se configura como uma antropologia própria, cuja dinâmica eminentemente temporal revela o caráter transitório do contato (BELMINO, 2014).

Neste sentido a clínica Gestáltica se distinguiu da aplicação dogmática de outros saberes através da atitude de acolhimento frente aquilo que no discurso causa desvio na experiência de seus interlocutores, ou o “desvio do desejo” (GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2012). “Fazer clínica, nesses termos, é encontrar e acolher, no discurso e na ação do(s) interlocutor(es), o estranho ou inesperado que possa(m) produzir”. (GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2012, p.7). Logo se pode inferir que é o contato inicial da clínica que permite ao terapeuta perceber o lugar que é chamado a ocupar, tendo em vista a situação clínica enquanto experimento inédito no campo, cabendo também ao mesmo perceber a presença ou comprometimento das funções do self. (GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2007).

Dessa forma utilizando-se da criatividade como ferramenta é possível desenvolver um espaço de desenvolvimento de potencialidades. O ajustamento criativo como traz Belmino (2014) é “o processo de contatar no campo organismo/ambiente [...]” (p.100), ou seja, “[...] o processo de assimilação da novidade e a rejeição do inassimilável.” (p. 99). A necessidade de se trabalhar levando em consideração os preceitos que compõem e aniquilam o potencial de integração do self é fundamental na hora de perceber como cada indivíduo traz no significado que atribui a sua fala as formas que compõem o seu fundo, fazendo-se, portanto, necessário a busca pelo reestabelecimento do contato, proporcionando ao sujeito o espaço livre onde possa ser trabalhado seus excitamentos no campo de forma concreta (BELMINO, 2014).

Nesse sentido faz-se necessário compreender de que forma os sujeitos passaram a perder o contato e quais resistências reforçam a perpetuação de maneiras de agir que inibem o seu potencial criativo. (GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2007). Perls, Hefferline e Goodman (1997) postulam este processo de perda de potencial criativo não como uma nova forma de patologia, mas como respostas relativas as experiências individuais frente a um imperativo social que caminha em direção a repreensão e inibição da agressividade inerente ao ser. (PERLS, 2002). Entende-se que a introjeção é a porta de entrada para o entendimento da neurose e os mecanismos que a compõe. Perls (2002) trouxe uma concepção de introjeção que se diferencia da trazida na clínica psicanalítica freudiana, pois leva em consideração os processos de assimilação, destruição, equilíbrio e adaptação como funções primordiais do self, logo cada novo conteúdo para ser integrado de forma saudável pelo sujeito, deve ser submetido a esse processo digestivo. O acúmulo de conteúdo introjetado de maneira a impedir a ocorrência da assimilação é causa primeira da perda de iniciativa e de contato para com o meio. Essas situações inacabadas tendem a causar sofrimento e inibição, gerando um ciclo habitual de comportamentos que tendem a desviar o sujeito de exercer o seu potencial e integração do self. (PERLS, GOODMAN E HEFFERLINE, 1997).

A dicotomia entre os impulsos instintuais (agressividade) e as pressões sociais enquanto deformadoras da auto-regulação orgânica, mais do que um erro semântico é um conflito genuíno, uma vez que a agressividade inerente não poderia, enquanto impulso, armazenar em seu cerne um instinto naturalmente antissocial ou mesmo destrutivo para o próprio organismo (BELMINO, 2014). Logo a constância da própria realização social da inibição reprimida torna-se desvio que a todo custo evita um conflito iminente e coloca o desejo no plano de virtualidade, alimentando o self de forma, a momentaneamente, perder a fluidez no processo de movimento figura-fundo e de assimilação daquilo que se apresenta no campo (GRANZOTTO E GRANZOTTO, 2007b).

Este bloqueio do fluxo metabólico da experiência se dá primordialmente durante o desenvolvimento da criança, sendo o brincar o campo fundamental onde se reflete este processo, seja enquanto forma de conhecer e testar o mundo seja como forma de introjetar inibições oriundas da repreensão do outro (RODRIGUES, NUNES, 2010). Assim, o processo psicoterapêutico deve ser baseado em uma relação de confiança e, caso isto não aconteça, dificilmente será possível alcançar resultados satisfatórios. A partir disso, aprofundaremos, a seguir, nossa discussão teórica sobre o brincar em Gestalt-Terapia.

3.2 A PRÁTICA DA GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇA

A pessoa em Gestalt-Terapia é vista como um sistema uno, integral, consistente e coerente. O homem é uma grande totalidade composta de partes em íntima e completa interdependência (RIBEIRO, 1999). Essa visão holística de homem é, necessariamente, a forma como entendemos a criança também.

Nesse sentido, entende-se que perceber a criança como um ser global é adentrar em seu mundo além das características visíveis. É entendê-la nas diversas dimensões que a compõem. Para os autores Lima e Lima (2015), a criança carrega consigo toda a implicação do seu mundo e, ao vir para o espaço terapêutico, não está sozinha, pois traz consigo sua família, escola, fantasias, etc.

Esta abordagem tem como propósito auxiliar a criança a tomar consciência de sua existência, sugerindo “técnicas e atitudes com o objetivo de facilitar a autoexpressão dos sentimentos vivenciados pela criança e o desenvolvimento da awareness de si e do mundo” (MATTAR, 2010, p. 76).

Na Gestalt-Terapia, o movimento de ir até a criança, encontrá-la em seu mundo e envolver-se em sua brincadeira durante as sessões é à base da condução do processo

terapêutico. Assim, o movimento da criança ao brincar modifica e ajusta sua relação com o meio e consigo mesma (AGUIAR, 2020).

O psicoterapeuta, nesse processo, exerce o papel de um facilitador do autoconhecimento, possibilitando à criança experimentar a liberdade e o “poder de escolha por meio de espaço, escuta, nominação de seus desejos e respeito pela sua singularidade” (COSTA; DIAS, 2005, p. 44). Cabe a ele, também, construir o senso de eu da criança, para fortalecer as funções de contato e aperfeiçoar o próprio contato com seus sentidos, sentimentos e uso do intelecto (MATTAR, 2010).

O contato com a criança acontece através do brincar, visto que essa é sua forma de expressão natural, assim como a fala é a do adulto. Antes de esperar a verbalização da criança em relação às suas vivências, o mais importante é encontrá-la em sua brincadeira e envolver-se em seu mundo. É interessante, também, revisitar o potencial criativo e a disponibilidade interna e externa dessa criança para que seja possível estabelecer uma comunicação lúdica com ela (OLIVEIRA, 2014).

Conforme propõe a Gestalt-terapia, “pensar o brincar é pensar o desenvolvimento da criança em sua totalidade” (LIMA; LIMA, 2015, p.29). O brincar, além de trazer infinitas possibilidades, caracteriza-se por ser objeto de comunicação, do qual a criança “sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-lo um mediador entre ela e seu mundo” (RODRIGUES; NUNES, 2010, p. 193).

Na abordagem gestáltica, receber a criança é como um encontro entre dois mundos diferentes (terapeuta e cliente), que vão trilhar um caminho juntos e construir um percurso (OLIVEIRA, 2010).

A confiança, nesse contexto, é de suma importância para a criação de um vínculo terapêutico. Nessa abordagem, as brincadeiras não têm um caráter interpretativo. O psicoterapeuta preocupa-se com a descrição dos fenômenos que emergem e em devolver “o que se revela para que seja integrado, com o próprio fenômeno indicando o caminho para uma compreensão” (OLIVEIRA, 2010, p. 359). Dessa forma, a brincadeira não é dirigida e cada sessão pode trazer, ou não, aspectos para trabalhar, conforme ressalta Oaklander (1980), “às vezes não surge nada para se trabalhar, mas a criança teve ao menos a oportunidade de se expressar, de fazer uma afirmação sobre si mesma” (p. 101).

Assim, o brincar é o meio facilitador da expressão da criança, é uma forma de estabelecer o diálogo prezando o respeito e cuidado. Permitir que a criança fosse ela mesma, livre de julgamentos e preconceitos, possibilita que ela expresse seu mundo, tomando

consciência de si e buscando meios que favoreçam seu crescimento emocional em sua totalidade (LIMA; LIMA, 2015).

4 O ESPAÇO LÚDICO NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Independente do tempo, da cultura, ou da classe social, o brincar é parte fundamental na vida da criança, seja enquanto forma de aprendizado diante do mundo seja como forma de interação com o outro e com a matéria ao seu redor (RODRIGUES, NUNES, 2010). Nesse sentido pensar um espaço psicoterápico para e com crianças é pensar o lúdico, o brincar enquanto ferramenta terapêutica (AGUIAR, 2014). Dentro da perspectiva da Gestalt-terapia o brincar se torna uma ferramenta indispensável para o processo, pois como pontua Ribeiro (2006) proporciona a experiência do aqui agora, trazendo sensações claras do estar em, estar com, de estar para criar algo em relação, este processo também liberta o terapeuta para o próprio processo criativo, de forma a adotar uma postura de maior participação na direção de produzir com a criança dentro dos seus limites, de forma fluída e respeitando o seu processo de autorregulação (AGUIAR, 2014).

Seguindo nesta direção, o espaço lúdico do trabalho psicoterápico na Gestalt-terapia também engloba a visão de mundo e de homem da abordagem, que por sua vez tenciona o papel do terapeuta enquanto um catalizador das potencialidades da criança (OAKLANDER, 1980; AGUIAR, 2014).

Na clínica com adultos as bases filosóficas do existencialismo e da fenomenologia se apresentam como eixos norteadores no resgate de um funcionamento saudável, proporcionando através do brincar a promoção das reconfigurações necessárias para tal (RODRIGUES, NUNES, 2010). É neste sentido que Aguiar (2014) ressalta a necessidade de compreendermos o predomínio da linguagem lúdica em detrimento da linguagem verbal na clínica infantil, uma vez que a criança se encontra em fase de desenvolvimento, podendo não ter estruturado a linguagem enquanto ferramenta principal de comunicação com o outro.

Antony (2010) aponta a importância de se respeitar o ritmo, o fluir e principalmente a espontaneidade da criança, visto que é a dinâmica psicológica própria desta fase. Por ainda não ter tomado para si as normas sociais, a criança encontra por meio do brincar a principal forma de se expressar, sendo, portanto depreendida dos mecanismos neuróticos de inibição dos adultos (AGUIAR, 2014). Logo o ingresso do terapeuta no mundo da criança deve ser atento, não diretivo, tão pouco interpretativo, mas despojado e espontâneo, de forma em que

sua expressão seja facilitada pela aceitação e conduzida pela criatividade fluída do brincar (OAKLANDER, 1980; RODRIGUES E NUNES, 2010; AGUIAR, 2014).

A prevalência do espaço lúdico no processo terapêutico permite a utilização de diversas técnicas com diferentes materiais e formas, que vão desde jogos e cartas e metáforas, brinquedos, produções artísticas com argila, tinta, desenhos, etc (AGUIAR, 2014). Nesse sentido Coutinho (2013) aponta para a necessidade do terapeuta de apurar a sua capacidade de compreensão dentro das formas de linguagem não verbais, ressaltando o valor da arte enquanto forma de subjetivação e criação que proporcionam grandes contribuições para o desenvolvimento da criança e conseqüentemente o amadurecimento de suas potencialidades. Especificamente na arteterapia com crianças os instrumentos artísticos como pincéis, papéis, cores, argila etc, tornam-se ferramentas clínicas pelas quais a criança em sua totalidade pode expressar e desenvolver a capacidade de entrar em contato com sua própria experiência, fazendo emergir as situações que lhe atravessam, seja de forma saudável ou angustiante. (OAKLANDER, 1980; AGUIAR, 2014).

5 RECURSOS TERAPÊUTICOS PARA ATENDIMENTO COM CRIANÇA

5.1 DA LUDOTERAPIA

A ludoterapia provém do inglês “play-therapy” e traduzida de forma literal quer dizer “terapia pelo brincar”. É uma técnica amplamente utilizada na clínica infantil no tratamento de problemas comportamentais e transtornos emocionais (AFFONSO, 2012).

A ludoterapia se dá em diferentes etapas. O início normalmente ocorre por um contato telefônico. Neste momento, se dá a escolha dos membros da família que participarão da primeira entrevista. Jogos e diversos brinquedos são as principais formas da ludoterapia. O brincar gera alegria e interação paciente psicólogo fazendo com que o profissional observe as reações do paciente com o fim de perceber as emoções, subjetividade e sentimentos que a criança ainda não consegue explicar. (AFFONSO, 2012; COUTINHO, 2013; AGUIAR, 2014).

A ludoterapia oferece novas formas de comunicação, bem como o desenvolvimento corporal e oral, diminui a agressividade e reforça as habilidades sociais. A ludoterapia também gera a produção de sentido o que possibilita a organização da criança enquanto ser social (AFFONSO, 2012). Dessa forma, esse tratamento assegura ótimos resultados para o desenvolvimento físico e mental da criança (MATTAR, 2010).

5.2 DAS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA

Já as brincadeiras de faz de conta, presente tanto na função lúdica como educativa, utiliza da imaginação da criança para auxiliar o psicólogo a entender o processo de desenvolvimento da criança. Por meio dela, o profissional de Psicologia trabalha aspectos ligados à socialização, comunicação e à afetividade da criança. (AFFONSO, 2012)

Desconstituindo o que se prega por alguns, as brincadeiras de faz de conta, não promovem a liberdade absoluta da criança, pois, regras intrínsecas existem à brincadeira imaginária, conforme descreve Vygotski (2008, p.28):

Se a criança faz o papel da mãe, então ela tem diante de si as regras do comportamento da mãe. O papel que a criança interpreta e a sua relação com o objeto, caso este tenha seu significado modificado, sempre decorrem das regras, ou seja, a situação imaginária, em si mesma, sempre contém regras.

Dessa forma, não fala em liberdade absoluta na brincadeira de faz de conta, porque regras intrínsecas existem para delimitar o comportamento e as expressões do paciente. (VIGOTSKI, 2008)

5.3 DA MUSICOTERAPIA

A musicoterapia, utilizada inicialmente na reabilitação de soldados que sofreram traumas nos combates da segunda guerra mundial, promove por intermédio de ações musicais e corporais, mudanças de comportamentos e rompe a incomunicabilidade com o paciente infantil. Através dessa técnica, é possível melhorar as expressões da criança para que ela as demonstre de forma mais coerente, promovendo assim, uma interação maior com a família, com a escola e com as pessoas do seu convívio (BRUCIA, 2016).

A definição utilizada pela World Federation of Music Therapy (WFMT) (2011) destaca que:

A musicoterapia é o uso profissional de música e seus elementos como uma intervenção em ambientes médicos e diários com indivíduos, com os grupos, com as famílias o com as comunidades [sic] que procuram otimizar sua qualidade de vida e melhorar seu físico, seu social, seu comunicativo, seu emocional, o intelectual e a saúde espiritual e bem-estar. A investigação, a prática, a educação e a

instrução clínica na musicoterapia são baseadas em padrões profissionais conforme contextos culturais, sociais e político (World Federation of Music Therapy, 2011, sem paginação, tradução livre).

A música apesar de não ser frequente seu destaque na gestalt-terapia, costuma aparecer timidamente nas obras importantes da área, não sendo difícil encontrar referências ao poder da musicoterapia nos doutrinadores da gestalt-terapia., como trouxe o trabalho de Nascimento (2020).

Outro gestalt-terapeuta que utiliza a música de forma cotidiana em seus escritos é Joseph Zinker (2007). Em seu trabalho, é possível encontrar relatos de que o mesmo cantava com seus clientes e os incentivava a fazer o mesmo. Segue o seguinte trecho:

Após uma solicitação que eu não sabia se ela atenderia, Katherine se prontificou a cantar para mim e, durante algumas sessões, nosso trabalho se concentrou em desenvolver sua consciência corporal enquanto cantava. [...] (Começo a cantar em homenagem as nossas depressões) [...] (Michael começa a cantar junto comigo) [...] (Para minha grande surpresa Michael começa a cantar também fazendo o contraponto) [...] (A letra não é especialmente criativa, mas cantada a duas vezes produz grande efeito) (Zinker, 1977/2007, p.46, 57).

A musicoterapia pode gerar efeitos muito positivos quando aliados a gestalt-terapia e, alinhando a musicoterapia com o brincar (NASCIMENTO, 2020), é possível obter efeitos terapêuticos bastante eficazes durante as sessões, com a criança tais efeitos também podem ser obtivo quando levamos em conta o caráter lúdico de seus ajustamentos (AGUIAR, 2014).

5.4 DA ARTETERAPIA

A arteterapia no Brasil teve início na década de 20/30 mediante atuação dos médicos Dr. Osório César e da Dra. Nise da Silveira. Utilizaram a arte como recurso terapêutico nos hospitais onde trabalharam através de oficinas e trabalhos de artes. Desde então, a arteterapia vai se tornando um abrangente campo de atuação para diversos profissionais, em especial, campo de atuação para os psicólogos infantis (CARVALHO, 2004).

A partir de então, a arteterapia vai se constituindo como um campo abrangente que possibilita a interseção entre práticas de diferentes abordagens psicológicas e artísticas, propiciando que diversos profissionais façam uso de recursos artísticos no setting terapêutico.

É importante ressaltar que a arteterapia não se limita apenas a uma união de conhecimentos de Arte e Psicologia, envolvendo outros conhecimentos que em conjunto definem a área e a atuação do arteterapeuta (COUTINHO, 2013).

Arteterapia visa conduzir o paciente ao conhecimento de si mesmo. Arteterapia em um conceito mais rebuscado, temos que:

“Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. [...] é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.” (Ciornai, 2004, p. 7)

Diante disso, infere-se que arteterapia está diretamente ligada ao uso de atividades de cunho artístico como recurso terapêutico. O uso das artes como terapia é conhecido desde os primórdios, porém, apenas após a primeira guerra mundial é que a arteterapia foi reconhecida como profissão, constituindo os primeiros passos para um embasamento teórico e a consolidação do campo de atuação (COUTINHO, 2013). Nesse sentido os instrumentos artísticos como pincéis, papéis, cores, argila etc, tornam-se ferramentas clínicas pelas quais os sujeitos em sua totalidade podem expressar e desenvolver a capacidade de entrar em contato com seus conteúdos internos. (CARVALHO, 2004). Especificamente no trabalho com crianças, como ressaltado por Coutinho (2013) a evidencia dos impulsos e excitamentos físicos é muito mais presente na linguagem do brincar, tornando dessa forma, o trabalho com a arte terapia voltado para experiência lúdica uma vivência ampla capaz de efetuar processos terapêuticos de forma legítima e de grande contribuição para o desenvolvimento humano de quem consegue efetiva-la com domínio na prática.

Em meio a esse processo pelo qual se dá cada vez maior o interesse de pesquisadores e o incentivo a criação e discussão de novas técnicas que ampliem ainda mais a clínica da arte terapia, principalmente na sua utilização junto a Gestalt terapia. Como resalta Nascimento (2020) ainda há poucas publicações em torno da utilização de recursos como a musicoterapia e a arte terapia no geral, tornando ambos, campos cuja liberdade de utilização e prática clínica, são por vezes desarticuladas do embasamento teórico necessário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrar a relevância do uso de recursos lúdicos sob a perspectiva da gestalt-terapia, com as possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil, sendo que nesta abordagem teórica traz a compreensão de que as relações entre a criança, seu contexto familiar e social são de fundamental importância nos processos de saúde e adoecimento do paciente. Nota-se, nas leituras, que alguns psicólogos, para apresentar seu trabalho, empregam uma abordagem psicológica específica, porém algumas dessas abordagens não trazem o trabalho com o público infantil como corpo de sua teoria de forma específica.

Logo, os profissionais da psicologia necessitam buscar em outras teorias um embasamento mais diretivo acerca do desenvolvimento infantil, e suas possibilidades de atuação e promoção da saúde mental para exercer um trabalho de qualidade.

Como resultado dessa pesquisa bibliográfica, permite-se concluir que o lúdico é uma maneira de intervenção que contribui para preservar a saúde emocional da criança.

O atendimento clínico com crianças no setting terapêutico é um dos jeitos mais genuínos de transparecer o comportamento infantil. O psicólogo utiliza essa técnica para compreender e interpretar o universo de fantasias da criança já que no início dessa fase da infância a criança está construindo a maturidade para constituir-se, envolver-se e absorver experiências vividas no dia a dia, e começam a expor sintomas onde evidenciam que alguma coisa não vai bem ao seu desenvolvimento psíquico e biológico.

O momento de o psicoterapeuta aplicar a ação lúdica é muito importante, é necessário que exista um clima e espaço apropriado que proporcione um bom andamento do setting terapêutico; tal procedimento ocasiona não apenas a evolução no que diz respeito aos sintomas, mas também à probabilidade de a criança ter um maior ingresso em seu mundo interno para que, em seguida ao seu desenvolvimento, tenha maiores oportunidades de se tornar adolescente e adulto mais consciente e conhecedor de seus sentimentos e emoções.

Desse modo, observamos ao longo desse estudo que a riqueza da habilidade infantil em comunicar seu mundo interno é ao mesmo tempo, um desafio e um estímulo ao psicoterapeuta infantil.

Dada a permanente mutação do mundo e dos modos de conceber o desenvolvimento da criança e seu processo de construção do conhecimento, considera-se que o trabalho em tela não apresenta conceitos prontos, sugerindo aprofundamentos futuros, em outros níveis de

estudos, a fim de que se possa dar uma contribuição mais significativa aos acolhimentos psicoterápicos com a ludicidade nos atendimentos infantis.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, R. M. L. **Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo**. Ed. Artmed. V. 4 Rio de Janeiro, 2012.
- AGUIAR L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- AGUIAR, LUCIANA. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2020.
- BELMINO, M. C. **Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da Gestalt-terapia**. Fortaleza: Premius, 2014.
- BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia**. 3ª ed. [S. l.]: Barcelona Publishers, 2016.
- CARVALHO, M. M. M. J. **A arte cura? Recursos artificiais em psicoterapia**. 2.ed. Campinas - SP: Editora Livro Pleno, 2004.
- CIORNAL, S. (2004). **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.
- COSTA, M. I. M.; DIAS, C. M. S. B. **A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt-terapia e centrada na pessoa**. Revista Estud. Psicol. (Campinas) [online]. 2005, vol. 22, nº 1, pp. 43 – 51. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 de abril de 2020.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com crianças**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak ed, 2013.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. Ed. Harbra, São Paulo, 1986.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt Terapia de curta duração**, 2 Edição, São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- LIMA, G.; LIMA, D. M. A. **O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-terapia**. Revista IGT na Rede, v. 12, nº 22, 2015. p. 28 – 52. Disponível em: < <http://www.igt.psc.br/ojs> >. Acesso em: 23 de abril de 2020.
- MATTAR, C. M. **Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não-diretiva e Gestalt-terapia**. Rev. Contextos Clínicos, vol. 3, nº 2; São Leopoldo, dez 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200001. Acesso em: 23 de abril de 2020.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTO, R. L. **Clínicas gestálticas: O sentido ético, político e antropológico da teoria o self**. São Paulo: Summus. 2012

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTO, R. L. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

NASCIMENTO, L. C. S. Gestalt-musicoterapia no Brasil: explorando o campo. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 26, n. 1, p. 53-62, abr. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2020.

PERLS, F. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2 Edição, Ed. LTC, Rio de Janeiro, 1977

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
PERLS, F. **Ego, fome e agressão**: Uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt Terapia: Conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, P.; NUNES, A. L. **Brincar: um olhar gestáltico**. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 16, nº 2, jul-dez 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200009. Acesso em: 23 de abril de 2020.

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, E. D. F. **Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia**. Resvista IGT na Rede, v. 1, nº 20, 2014. p. 105 – 119. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IVCua2izw7UJ:https://www.igt.pcs.br/ojs/include/getdoc.php%3Fid%3D453%26mode%3Dpdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 24 abril de 2020.

VIGOSTKI, L. S. (2008) **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativa Sociais, n. 8, p.23-36. Disponível em: https://issuu.com/ongavante/docs/a_importancia_da_brincadeira_-_vig. Acesso em 25 de outubro de 2020.

YONTEF, G.M. **Processo, Diálogo e Awareness: Ensaio em Gestalt-terapia**. 3ª Ed. São Paulo: Summus, 1998.

WINNICOTT D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago; 1975.

World Federation of Music Therapy. (2011, April). President presents... Announcing WFMT's NEW Definition of Music Therapy.[S. l.]: WFMT. Disponível em: http://wfmt.info/WFMT/President_presents..._files/President%20presents...5-2011.pdf. Acesso em 25 de outubro de 2020.

ZINKER, J. **O processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo, SP: Summus. (Originalmente publicado em 1977), 2007.